

REAÇÃO DE JOVENS REBELDES, EM SALA DE AULA, AO LEREM "CINCO MINUTOS" DE JOSÉ DE ALENCAR

SOARES, Jéssica do Nascimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Resumo: O trabalho "Reação de jovens rebeldes, em sala de aula, ao lerem 'Cinco Minutos' de José de Alencar, apresenta uma análise da forma como reagem jovens leitores ao se depararem com a leitura do romance "Cinco Minutos". Tal análise é realizada a partir de pressupostos da Estética da Recepção. São demonstrados alguns fatores que induzem os alunos a não fazerem leituras de livros, pois a sociedade moderna oferece muita opção de divertimento para nossos adolescentes, como a internet e a televisão, que os distanciam do livro impresso. São apresentados os resultados de aulas com esse livro em uma turma de 8º Ano do Ensino Fundamental.

Palavras- chave: Estética da recepção; Livro "Cinco Minutos"; Alunos rebeldes

Introdução

Os Parâmetros Curriculares Nacionais determinam o conteúdo a ser ensinado nas escolas e, segundo eles, o ensino da Língua Portuguesa fundamenta-se em três eixos, Análise Linguística, Escrita e Leitura, neste trabalho aborda-se o eixo LEITURA que é visto como fator indispensável para a formação do ser humano.

Neste trabalho, pretende-se, especificamente, apresentar um método de se trabalhar com a literatura com jovens desinteressados pela prática da leitura. É importante ressaltar que não é um método novo, e sim, uma forma antiga que tem sido abandonada por muitos professores de Literatura.

Diante do contexto em que professores de Literatura têm abandonado as obras literárias e têm trabalhado com fragmentos e resumos das obras, o que não colabora para a formação de leitores, sigo um viés contrário e procuro descrever neste trabalho algumas aulas em que os alunos realizaram a leitura integral da obra "Cinco Minutos" de José de Alencar.

O livro foi trabalhado com uma turma do 8º Ano do Ensino Fundamental, composta por jovens que, inicialmente, se mostraram rebeldes aversivos a leitura da obra em questão, mas que leram a obra completa e, além disso, refletiram e comentaram sobre a mesma.

Essa experiência com uma turma de escola particular localizada no estado da Paraíba teve como principal objetivo fazer com que adolescentes realizassem a leitura integral de uma obra literária brasileira, tendo em vista, que os alunos que compunham a turma valorizam muito a literatura estrangeira, deixando nosso patrimônio literário em segundo plano.

Além dessa introdução, este trabalho encontra-se segmentado em outras quatro partes, a saber: *Contribuições teóricas* a respeito de leitura, literatura e Estética da Recepção; *Metodologia*; um tópico intitulado *Reação dos alunos ao receberem a notícia que teriam que fazer a leitura da obra*; outro denominado *Livro lido! Representação da obra através do olhar dos leitores*; as *Considerações finais*; e, por fim, as *Referências*.

2. Contribuições Teóricas

Os parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa - PCNs (Brasil, 1998, p. 69-70) mostram a importância do ensino de leitura: “A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto (...). Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra”.

A prática da leitura deve ser estimulada, pois, conforme o fragmento acima, não se trata apenas de extrair informações ou um ato de decodificação, a leitura é um trabalho mais complexo que exige dedicação dos leitores.

O trabalho com a leitura contribui para a formação do indivíduo, conforme afirma Maia (2007, p. 29) “(...) a leitura é uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas também ao projeto existencial, e que, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político”.

Esse fragmento mostra-nos a necessidade da escola em contribuir para que os alunos tenham intimidade com a prática da **leitura**, pois, dessa forma, a escola formará cidadãos preparados para enfrentar o mercado de trabalho e a vida.

O leitor é peça fundamental nesse processo da leitura, pois, ele, com seus conhecimentos de mundo, formula e consolida conhecimentos novos a partir daquilo que está lendo. E, se a obra for literária, como é o caso do livro “Cinco Minutos”, cada leitor tem uma recepção única.

Segundo Oliveira (1964), “(...) a leitura não é uma atividade exclusivamente linguística. E isso se deve ao fato de a leitura exigir dos usuários da língua conhecimentos prévios de tipos diferentes: conhecimentos lingüísticos, conhecimentos enciclopédicos ou de mundo, e conhecimentos textuais.”

Conforme o excerto percebe-se que ler não é uma atividade meramente linguística, a leitura envolve vários conhecimentos e, a leitura de obras literárias que é abordada neste trabalho, desperta a imaginação e a criatividade do leitor.

Além disso, a leitura em geral, ou seja, a prática da leitura contribui para a formação do indivíduo, e é a escola o órgão responsável por estimular os alunos a realizarem tal prática. Nesta perspectiva, Maia (2007, p.30) comenta:

Tornar o indivíduo hábil no processo de **ler** e escrever, a fim de desempenhar determinados papéis na sociedade, **tem sido a função da escola**; tarefa que lhe confere, desde sua criação, uma importância especial, um status muito maior que o de outras instituições. (grifo meu)

Todavia, não podemos deixar de mencionar a família como instituição que deve, juntamente com a escola, formar leitores, ou pelo menos, incentivar as crianças e os jovens a dedicarem um pouco de seu tempo a essa prática indispensável para suas formações.

A leitura de obras literárias é um dos recursos que possibilita essa formação, pois a literatura fala do homem e para o homem, como é demonstrado no seguinte fragmento: “A literatura é a linguagem que mais fala do homem em sua totalidade. (...) A literatura quer o homem e vai buscá-lo onde estiver, ela o quer vivo, em movimento, sem cortes.” (WENDEL, 1983, p. 37).

Nessa perspectiva, uma das funções da literatura é educar, pois o leitor não está isento de sofrer influências das informações que a obra traz, mas como ele é um ser social em movimento, seus conhecimentos de mundo e suas experiências de vida irão contribuir para a compreensão que o mesmo terá da obra.

Mas o que é obra literária? Segundo Silva (1968, p. 46), “serão obras literárias aquelas em que, a mensagem cria imaginariamente a sua própria realidade, em que a palavra dá vida a um universo de ficção”.

Como o recurso utilizado nas aulas foi uma obra literária, o livro “Cinco Minutos, é relevante apresentar esse conceito de obra literária, mas é necessário destacar que o leitor também é muito importante para dá vida a esse universo de ficção. E esse universo de ficção,

na maior parte dos casos, não é isento de cultura, valores, conhecimento e, principalmente, sentimentos, como expressa Silva (1968, p. 13-14):

A literatura não é um jogo, um passatempo, um produto anacrônico de uma civilização dessorada, mas uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem. (SILVA, p. 13-14)

Entretanto, atualmente, a apreciação de obras literárias, em especial, de obras brasileiras por nossos jovens é em quantidade limitada, como é notório através da reação dos alunos ao receberem a notícia que teriam de realizar a leitura de “Cinco Minutos”, demonstrado no tópico a seguir.

3. Metodologia

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa-ação e apresenta reflexões sobre as experiências de algumas aulas com a obra “Cinco Minutos” de José de Alencar em uma turma do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola particular situada na Paraíba. A turma é composta por 7 alunos, 6 meninas e 1 menino.

São apresentados alguns fatores que contribuem para a não apreciação de literatura por esse público, demonstra-se a reação da turma com a notícia da necessidade da leitura da obra completa e, por fim, há uma descrição do modo como os alunos demonstraram suas experiências com a leitura do livro fundamental na construção dos sentidos atribuídos a obra.

4. Reação dos alunos ao receberem a notícia que teriam que fazer a leitura da obra

A turma do 8º Ano do Ensino Fundamental, composta por sete alunos, demonstrou um comportamento bastante contrário à leitura do livro “Cinco Minutos”, de José de Alencar. Ao ouvir a notícia de que seria necessário realizar a leitura de uma obra completa, a turma tentou convencer o professor de que é chato ler, os alunos alegaram que poderiam aplicar o tempo que gastariam lendo em outras atividades, segundo eles, mais produtivas.

Eles disseram, mesmo sem ter contato com a obra, que a linguagem ia ser difícil, que a história apresentada seria ultrapassada, entre vários outros argumentos. Parte disso é reflexo de uma vivência desses alunos com trechos de obras apresentados em livros didáticos que em nada contribuem para sua formação literária.

Além disso, leituras anteriores também justificam essa revolta, pois, aos 11 anos tiveram que realizar a leitura do livro “O Alienista” de Machado de Assis, o que contribuiu para esses jovens terem aversão a obras literárias brasileiras. Não estou dizendo que a obra não é interessante, mas que não considero esta leitura adequada para crianças de apenas 11 anos.

Mesmo após uma defesa do livro, os estudantes continuaram aversivos à leitura sugerida, e por isso, foi determinado que, depois de 30 dias, eles teriam que resolver uma avaliação sobre o livro. Após esse tempo, todos estavam com a leitura realizada, não por vontade própria, mas porque sabiam que uma provinha os esperava.

Por terem uma situação econômica regular, não tivemos problemas com o acesso/aquisição do material e cada aluno tinha seu próprio livro. Faço menção a essa questão porque, no Brasil, muitos alunos não têm o hábito de ler pelo fato de não terem acesso a livros, e por isso, conhecem apenas trechos de obras apresentados em livros didáticos.

Observe o que Maia (2007, p. 39) apresenta sobre a questão do acesso a livros de literatura em nosso país:

Quanto ao livro de literatura, o problema passa pela questão do acesso ao livro, pela falta de uma rede eficiente de bibliotecas, fato que impõe ao país um índice baixíssimo de leitura, isto é, 1,8 livro por habitante/ano, segundo a Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Como essa questão do acesso a obra literária, o livro, não foi empecilho para o andamento das atividades da leitura, elencarei a seguir, alguns fatores que colaboram para o posicionamento aversivo dos discentes.

A Literatura é a ferramenta pela qual os seres humanos vêm demonstrando, desde séculos primitivos, suas visões de mundo, seus anseios, suas vontades, suas frustrações, seus sonhos, suas culturas etc. Por isso, a leitura de textos literários proporciona aos nossos jovens uma viagem tanto na história da sociedade como no mundo da ficção.

No entanto, em dado momento da história, estudiosos se questionavam sobre uma possível desvalorização do texto literário, tendo em vista que aparelhos tecnológicos substituiriam ou aniquilariam o gosto pelo ato de ler. Vê-se que, de certa forma essa hipótese se confirma, pois na contemporaneidade, a tecnologia tem sido um obstáculo para a formação

de leitores de obras literárias, tendo em vista que muitos alunos priorizam as redes sociais e “excluem” o livro de suas práticas sociais.

Há cinco décadas, Silva (1968, p.13) já apresentava uma plausível explicação sobre esse assunto e mostra que a Literatura é elemento de fundamental importância para o ser humano:

De certo o futuro há-de ser fértil em mutações e em rupturas e decerto a imagem há-de desempenhar um papel cada vez mais ponderoso nas sociedades vindouras. Não acreditamos, porém, na extinção da literatura: ela modificar-se-á, solidária com os tempos que hão-de-vir, ganhará novos impulsos e novas forças, mas **há-de permanecer como forma insubstituível de o homem se conhecer a si próprio e de conhecer a sua relação com o mundo.**(grifo meu)

Atualmente, percebe-se que Silva (1968) tinha razão, pois a Literatura ainda é um instrumento insubstituível na formação do cidadão e uma poderosa ferramenta no processo educacional.

Entretanto, no contexto em que vivemos, onde jovens estão acostumados a viverem seus momentos de “lazer” em frente a computadores, televisões, celulares, *tablets* etc., compartilhando suas vidas com pessoas que, às vezes, nem conhecem e curtindo quase tudo que aparece na internet, nós professores de Língua Portuguesa e Literatura, sentimos um pouco de dificuldade para fazer com que os alunos abandonem o hábito de estarem constantemente conectados a internet e despertem o gosto pela leitura de obras literárias.

Atualmente, é comum encontrarmos os alunos na hora da chegada e, principalmente, nos intervalos, não mais conversando ou brincando com seus colegas, mas cada qual com seus celulares trocando mensagens, acessando ao *Facebook*, dialogando no *whatsApp*, postando fotos no *Instagram*, ou seja, conectados com o mundo, mas distantes daqueles que estão ao seu lado. Esses alunos perdem oportunidades de construir grandes laços de amizade, perdem momentos que poderiam ser inesquecíveis em suas vidas, perdem a chance de compartilharem vivências reais.

Esse contato constante com os meios tecnológicos, de certa forma, acarreta um desinteresse desses estudantes pela leitura de livros impressos, mas, nós professores não podemos deixar de estimulá-los a realizarem a leitura dos mesmos. Observe o que Barbosa, a partir de pesquisas afirma: “O livro não é, segundo nossas investigações, o suporte preferido de leitura. Os dados indicam a preferência dos jovens pela leitura na internet e pela leitura de jornais e revistas.”.

Outro aspecto que é necessário mencionar antes de se direcionar o olhar sobre a recepção da obra pela turma após a leitura é o fato de haver algumas dificuldades que são recorrentes no trabalho de textos literários com os jovens, conforme Barbosa apresenta:

(...) quando indagados sobre “por que o jovem não gosta de ler literatura”, três justificativas recorrentes nos dados chamam a nossa atenção: **a dificuldade dos jovens com a “linguagem” dos textos literários; a compreensão de que a literatura e suas representações estão muito distantes de questões da contemporaneidade e da “vida real”; a dificuldade de construir sentido dos textos literários**, tendo em vista seus elementos implícitos e sua plurissignificação. Esses resultados nos permitem arriscar uma hipótese que, dentre outras, parece apropriada para explicar a resistência revelada pelos jovens à leitura dos textos literários: essa resistência pode estar associada ao esforço que esse tipo de atividade lhes impõe. Soma - se, a esse, um outro problema: o das práticas escolares. Práticas equivocadas de leitura e de abordagem do literário podem estar por detrás da ideia de que toda Literatura seria “difícil” e “chata”, de que os clássicos nada teriam a dizer ao jovem do século XXI, ao seu desejo de aventura, de movimento, de amor, de surpresas.

Com base no fragmento, pode-se perceber que além do entrave que há no público jovem com relação à leitura de obras literárias, ainda existe um agravante que piora essa situação, o método que se tem trabalhado nas escolas com esse tipo de texto.

5. Livro lido! Representação da obra através do olhar dos leitores!

Este trabalho segue uma perspectiva da Estética da Recepção, porém é relevante destacar que somos leitores limitados, como explica Pinheiro (2006, p. 117,118):

Somos, todos sabemos, leitores cheios de limites: limites relativos a nossos conceitos e preconceitos que influenciam enormemente nossas leituras; limites advindos da impossibilidade de conhecermos tudo – há tanta experiência humana, cultural de que não temos nem teremos acesso; limites de nossa compreensão, de nosso gosto que é marcadamente cultural, de nossa formação às vezes tão lacunosa e muitos outros. Em meio a esses limites enfrentamos as obras literárias e muitas vezes precisamos do apoio de outros leitores. Esta atitude humilde poderá ser bem proveitosa. Ela nos abre a possibilidade de novas aprendizagens.

Mesmo consciente dessas limitações, sei que é na interação que o conhecimento é construído, que é no diálogo que os alunos demonstram suas percepções sobre a obra lida. Seguindo essa perspectiva, a Vigotskiana, tento colocar em prática o que apresenta Maia (2007, p. 83):

No contexto escolar, essa perspectiva redimensiona a relação aluno x professor, uma vez que a construção do conhecimento implica ação compartilhada, ou melhor, o diálogo e os comentários sobre as leituras realizadas são necessários para que haja troca de informações, confronto de opiniões, comunhão de idéias, exposição de valores e, conseqüentemente, desenvolvimento dos sujeitos envolvidos no processo.

Em conformidade com o que foi exposto acima, propus que a turma ficasse em posição de círculo para realizarmos uma “conversa” sobre o livro, é obvio que eu não desejava passar o tempo para não dar aula, como muitos professores fazem, mas, sim, proporcionar aos alunos a oportunidade para dizerem suas impressões, suas dúvidas, seu posicionamento sobre a obra.

Como os alunos mostraram-se tímidos, questionei-os do porquê da obra ser intitulada Cinco Minutos e duas alunas responderam que foi pelo fato do personagem- protagonista ter perdido um ônibus por conta de um atraso de cinco minutos e ter encontrado seu grande amor, a mulher que mudaria sua vida no ônibus seguinte.

As alunas comprovaram suas respostas com o seguinte fragmento da obra:

Tudo isso quer dizer que, chegando ao Rocio, não vi mais ônibus algum; o empregado a quem me dirigi respondeu:

--Partiu há cinco minutos.

Resignei-me e esperei pelo das sete horas. (ALENCAR, p.9)

Em seguida perguntei se haviam achado alguma passagem do livro interessante, uma outra aluna disse que era um romance muito bonito e leu a seguinte passagem da obra:

--Não pensas que melhor é esquecer do que amar assim?

-- Não! Amar, sentir-se amado, é sempre um gozo imenso e um grande consolo para a desgraça. O que é triste, o que é cruel, não é essa viuvez da alma separada de sua irmã, não; aí há um sentimento que vive, apesar da morte, apesar do tempo. É, sim, esse vácuo do coração que não tem uma afeição no mundo e que passa como um estranho por entre os prazeres que o cercam. (ALENCAR, 2010, p. 39)

Ao término dessa leitura, coloquei uma caixinha de remédio em cima de uma carteira, alguns questionaram do porquê daquela caixinha, mas não foi preciso falar palavra alguma, pois a aluna que leu a passagem citada acima, disse que era para demonstrar que a personagem Carlota tinha uma doença.

Outra aluna pediu para pronunciar-se e falou que a doença da personagem era incurável e fez uma comparação do livro “Cinco Minutos” de José de Alencar com “A culpa é das estrelas” de John Green. A aluna disse que, provavelmente, Alencar teria se inspirado em Green, pois, a personagem principal de “A culpa é das estrelas”, Hazel, também tinha uma doença que impossibilitava a concretização do amor.

Nesse momento, expliquei que não era bem assim, pois, Alencar é um dos romancistas mais importante da literatura brasileira, que ele é do século XVIII, e que o tema amor é recorrente em obras literárias de qualquer civilização.

A aluna falou que na obra de Alencar o amor era surreal, diferente da obra de Green, pois, em “Cinco Minutos” a personagem alcança a cura de uma doença incurável, como ela demonstrou com o seguinte diálogo entre Carlota e seu amado:

Uma tarde em que ela estava ainda mais fraca, tínhamos-nos chegado para a varanda. A nossa casa em Nápoles dava sobre o mar; o sol, transmontando, escondia-se nas ondas; um raio pálido e descorado veio enfiar-se pela nossa janela e brincar sobre o rosto Carlota, sentada, ou antes, deitada em uma conversadeira.

Ela abriu os olhos um momento e quis sorri; seus lábios nem tinham força para desfolhar o sorriso. As lágrimas saltaram-me dos olhos; havia muito que eu tinha perdido a fé, mas, conservava ainda a esperança; esta desvaneceu-se com aquele reflexo do acaso, que me parecia o seu adeus à vida.

Sentindo as minhas lágrimas molharem as suas mãos, que eu beijava, ela voltou-se e fixou-me com os seus grandes olhos lânguidos.

Depois, fazendo um esforço, reclinou-se para mim e apoiou as mãos sobre o meu ombro.

--Meu amigo — disse ela com voz débil--, vou pedir-te uma coisa, a última; tu me prometes cumprir?

-- Juro—respondi-lhe eu, com a voz cortada pelos soluços.

-- Daquia bem pouco tempo... daqui a algumas horas talvez... Sim! Sinto faltar-me o ar!....

--Carlota!...

--Sofres, meu amigo! Ah! Se não foste isto eu morreria feliz.

-- Não fales em morrer!

--Pobre amigo, em que deverei falar então? Na vida?... Mas não vês que a minha vida é apenas um sopro... Um instante que breve terá passado?

-- Tu te iludes, minha Carlota.

Ela sorriu tristemente.

--Escuta; quando sentires a minha mão gelada, quando as palpitações do meu coração cessarem, prometes receber nos lábios a minha alma?

--Meu Deus!...

--Prometes? Sim?...

--Sim.

Ela tornou-se lívida – sua voz suspirou apenas:

--Agora!

Apertei-a ao peito e coleí os meus lábios aos seus. Era o primeiro beijo de nosso amor, beijo casto e puro, que a morte ia sacrificar. Sua fronte se tinha gelado, não sentia a respiração nem as pulsações de seu seio. De repente ela ergueu a cabeça. Se visse, minha prima, que reflexo de felicidade e alegria iluminava nesse momento o seu rosto pálido!

--Oh! Quero viver! – exclamou ela.

E com os lábios entreabertos aspirou com delícia a aura impregnada de perfumes que nos enviava o golfo de Ischia. Desde esse dia foi pouco a pouco reestabelecendo-se, ganhando as forças e a saúde; sua beleza. Reanimava-se e expandia-se como um botão que por muito tempo privado de sol, se abre em força viçosa.

Esse milagre, que ela, sorrindo e corando, atribuía ao meu amor, foi-nos explicado bem prosoicamente por um médico alemão que nos fez uma longa dissertação a respeito da medicina. (ALENCAR, 2010, p. 77, 78)

Mais uma vez pronunciei-me, expliquei que esse excesso de romantismo e de melancolismo são características da estética literária da qual Alencar faz parte, o Romantismo, e que ele é um dos principais representantes desse estilo literário.

Uma das garotas disse que quando encontrou a expressão italiana “*Non ti scordar di me!*” que significa “Não te esqueças de mim!”, teve a vontade de colocá-la em seu *status* do *Facebook*, pois essa frase chamou bastante sua atenção.

Outra aluna, com perfil brincalhão, classificou o momento em que o protagonista ficou desesperado procurando descobrir quem era a moça misteriosa que ele havia encontrado no ônibus, se era jovem, se era feia, se era velha como passagem interessante da obra. E toda a turma disse que com base nas informações encontradas no início do livro o mais provável era que essa desconhecida fosse uma velha e feia, caso contrário, ela não estaria, naquela época, insinuando-se para um rapaz num ônibus.

A partir desse momento, houve uma discussão sobre o comportamento da mulher de tempos passados com o da mulher contemporânea, do que era tido como conveniente e que hoje é considerado, segundo os alunos, como “sem noção”.

Como cada aluno teve seu momento de posicionar-se sobre a obra, não seguimos a ordem em que os fatos são expostos no livro, mas isso não foi nenhum empecilho para a compreensão da obra, pois esse entendimento já estava construído e foi apenas moldado com contribuições minhas e dos colegas de turma.

Muitos outros fatos foram elencados pelos alunos, mas neste trabalho já expus o suficiente para demonstrar que para uma aula, principalmente com/sobre leitura literária é

imprescindível que o professor dê vez e voz para que o aluno se posicione, caso contrário, nunca se quebrará o tabu de que aula de literatura é chata, como muitos alunos dizem.

Nessa minha experiência tive uma vantagem com relação aos demais professores, pois como trabalhei com uma turma de Ensino Fundamental não tive a preocupação e nem a obrigação de fazer com que os alunos aprendessem “tudo” sobre o estilo literário ao qual a obra pertence, o Romantismo, pois isso é exigido a professores do Ensino Médio.

O leitor/aluno produziu a compreensão da obra a partir dos efeitos que o texto causou em sua vida, pois nele encontra-se a chave que abre as portas para a atribuição de sentido ao texto lido, conforme afirma Zappone(2009, p. 189) :

(...) o texto já não diz tudo, nem seu autor é o dono de um sentido para ele, o leitor tem sido considerado peça fundamental no processo de leitura. Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê.

O sentido da obra foi construído pelos próprios alunos, as intervenções realizadas ocorriam apenas, para esclarecer algumas dúvidas, ou impedir que alguns equívocos se proliferassem.

Considerações finais

Pelo que foi demonstrado, trabalhar com resumos e trechos de obras é um procedimento que não colabora para o contato e apreciação de textos literários pelos alunos. Provavelmente, a única forma de mudarmos o perfil dos brasileiros, não-leitores, é colocando nossas crianças e nossos jovens em contato com o maior número de obras possíveis e deixá-los expor suas experiências.

A literatura é uma ferramenta fundamental para a formação do indivíduo, pois ela está presente em todos os aspectos, sejam, históricos, políticos, religiosos, econômicos entre outros, por isso, trabalhar com Literatura nunca será ultrapassado, e, nós professores, devemos utilizar o método mais adequado ao público a quem ensinamos para que haja apreciação e reflexão das obras.

Referências

ALENCAR, José. **Cinco Minutos**. Adaptação de Glauco Cazé; ilustrações Eduard Schloesser. – Recife: Ed. Prazer de Ler, 2010.

ALVES, José Hélder Pinheiro. “Teoria da Literatura, Crítica Literária e Ensino”. In: PINHEIRO, Hélder & NÓBREGA, Marta. **Literatura da Crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2006, pp. 11-124.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. Joseane Maia. –São Paulo: Paulinas, 2007.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisa que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática** / Luciano Amaral Oliveira - São Paulo: Parábola Editorial, 2010

SANTOS, Wendel. **Crítica: uma ciência da literatura**. Editora: UCG, 1993.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**. 2. ed. Livraria Almeida: Coimbra, 1968.

BARBOSA, Begma Tavares. **A leitura dos clássicos na escola: um desafio a ser enfrentado no letramento de jovens**. In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE LETRAMENTO E CULTURA ESCRITA, UFMG, 2010. **Artigos em anais de eventos...** Belo Horizonte: UFMG. Disponível em: <http://www.ufjf.br/fale/files/2010/06/Begma-Tavares-Barbosa.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.